

reportagem cultural

De Taquara para Porto Alegre

Rafael Gloria*

Quando se mudou para Porto Alegre para continuar os estudos, em 1963, Sergius Gonzaga foi morar com os avós maternos. “A Auxiliadora ainda era um bairro de classe média, cercado pelos casarões do Moinhos de Vento, da Independência e do Centro”, conta.

A literatura já estava presente em sua vida, embora a casa da família, em Taquara, não tivesse uma biblioteca extensa. A mãe, professora, gostava especialmente de poesia e costumava recitar poemas. Entre os livros disponíveis estava uma coleção do Tesouro da Juventude, que o menino leu e releu. O pai, comerciante e vereador do antigo PTB, assinava o Correio do Povo, mas não tinha o hábito de acompanhar o jornal. “Eu é que lia”, conta.

A mudança para Porto Alegre começou com um pequeno desencontro. Gonzaga chegou convencido de que bastava procurar o Colégio Júlio de Castilhos e fazer a matrícula. Só depois descobriu que o ingresso dependia de um exame de admissão, já realizado naquele ano. O pai acabou matriculando-o no Colégio Rosário. No ano seguinte,

transferiu-se para o antigo Anchieta. Foi ali que formou algumas amizades que atravessariam as décadas e encontrou colegas com quem podia compartilhar livros e indicações. “Comecei a ler freneticamente. Tinha sempre algum colega que estava lendo um livro. A leitura era um hábito mais comum nessa época”, recorda.

Em 1961, dois anos antes da mudança, Gonzaga acompanhou o pai, que foi vereador em Taquara, em um evento na Praça da Matriz durante a Campanha da Legalidade. “É uma impressão forte até hoje. Eu me lembro do local completamente lotado, multidões, muita gente.”

A experiência de 1964 seria diferente. Sergius acompanhou uma mobilização diante da Prefeitura de Porto Alegre e recorda o momento em que o então prefeito Sereno Chaise pediu para que os apoiadores do governo João Goulart voltassem para casa. Uma imagem permaneceu: “Até hoje lembro essa cena: sentado numa sarjeta, um sargento do Exército. Ele chorava, mas chorava copiosamente.”

No mesmo ano, o pai foi preso e permaneceu alguns meses

detido em Porto Alegre. Sergius relaciona a prisão à resistência de integrantes do PTB ao golpe. Segundo ele, enquanto Brizola defendia a ocupação de quartéis, um grupo de vereadores decidiu ocupar a prefeitura de Taquara, seu pai entre eles. A mobilização terminou dois dias depois. “Já o tempo amainou tudo, né? Mas é duro ver teu pai preso.”

A prisão agravou as dificuldades econômicas da família. “Eu tive que estudar num colégio público. Não tinha mais dinheiro, não tinha mais condições de pagar”. Foi encaminhado ao Colégio Dom João Becker, no IAPI, onde passou a estudar à noite.

A mudança também representou o encontro com outros tipos de leitores. Um colega apresentou-lhe Georg Lukács, Stendhal e Balzac. “Para mim, foi muito importante”, reconhece. O amigo também o ajudou a superar a resistência a Graciliano Ramos. Acostumado ao colorido de Jorge Amado, Sergius estranhava “aquele mundo áspero, contido, aquele estilo seco”, mas aprendeu a valorizar a importância da literatura do alagoano. O próximo passo seria entrar na graduação.



Professor cursou Jornalismo, História e Direito até apaixonar-se por Letras

Ensinar a paixão pela literatura

Sergius Gonzaga chegou à universidade sem uma definição muito clara sobre a profissão a seguir. Na Ufrgs, começou simultaneamente os cursos de Jornalismo e História. “Na época você podia fazer dois cursos. Fiz um ano só de cada um”, recorda. Nenhum dos dois, naquele momento, correspondeu às suas expectativas.

Ele tentou também a Faculdade de Direito. “No ano seguinte, a pedido do meu pai, que queria um doutor na família, fui fazer Direito e, de novo, fiz duas faculdades, pois comecei Letras também.” Foi nesse segundo caminho que seguiu e encontrou alguns dos professores mais importantes de sua formação.

Um deles era Ângelo Ricci, italiano que participou da criação do curso de Letras da Ufrgs. Sergius o descreve como um professor organizado, rigoroso e de vasto conhecimento. “Era rígido, mas com enorme cultura clássica ocidental em termos de teoria da literatura. Eu aprendi muita coisa. Ele conhecia a fundo Platão, Aristóteles, teóricos da Idade Média, teóricos do Renascimento.”

Dionísio de Oliveira Toledo, discípulo de Ricci, tinha um estilo diferente. Suas aulas eram desordenadas, movidas por associações, leituras e entusiasmos repentinos. “Era o contrário do mestre, mas um sujeito extremamente vivo, apaixonado pela literatura, com uma grande leitura. Um caos criativo”, define.

Gonzaga lembra um episódio curioso da época. “As cadeiras eram anuais e não semestrais. Então eles deram uma lista de 42 livros de teoria, dos quais eu acho que só uns dois ou três tinham em português. Tudo era em espanhol e francês”, recorda. A dificuldade não funcionou como impedimento. “A teoria da

literatura reprovava um terço dos alunos. Se não lê... E aquilo me apaixonou”, diz.

A docência começou antes mesmo da conclusão da graduação. Ele deu aulas em cursos populares, colégios, pré-vestibulares e, mais tarde, em instituições como o Colégio Israelita, a FAPA e a Ufrgs. O rigor dos estudos, contudo, não o transformou no tipo de pesquisador que costuma construir a carreira em torno de títulos, publicações e procedimentos universitários. “Eu nunca consegui me tornar um acadêmico *stricto sensu*”, admite. A burocracia e o carreirismo da universidade o aborreciam.

Gonzaga conta que só levou adiante o doutorado, finalizado em 2018, porque Regina Zilberman, amiga e colega na Ufrgs, “pressionou-o” a enfrentar o processo. O tema escolhido foi a literatura latino-americana, que o acompanhava desde as primeiras idas a Buenos Aires. A primeira delas aconteceu em 1967, em uma jornada de ônibus que, segundo Sergius, durava 32 horas. “Todo ano eu ia para lá e trazia livros”, diz. Ele leu Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e Mario Vargas Llosa quando a expressão ‘boom latino-americano’ ainda começava a circular.

O professor permaneceu em sala de aula no Instituto de Letras da Ufrgs até 2023. Ao falar do período em que lecionava, no entanto, sua preocupação principal não era exibir o vasto repertório adquirido ao longo de sua trajetória. Para definir o que entende por ensino de literatura, Sergius recorda uma frase que o acompanha desde a juventude, do escritor argentino Jorge Luis Borges: “A frase dizia: ‘Eu não quero ensinar literatura inglesa, eu quero ensinar o amor pela literatura inglesa’”.



Recém-chegado à Capital, Sergius Gonzaga cresceu em meio à agitação política e intelectual dos anos 1960 na cidade